

Património

DOMINGO
23 NOV 2025

CASAS COM HISTÓRIA IV **MONÇÃO** / CASAS QUINHENTISTAS

Textos
José Carlos Ferreira

Fotos
Diário do Minho

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 3443 de 23 de novembro de 2025, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente



Introdução

Nesta edição do suplemento do Património continuamos a olhar para o centro histórico de Monção e para as suas casas com história e repletas de histórias. Depois de termos percebido na última edição como é que este centro

histórico evoluiu ao longo dos séculos, vamos agora olhar com maior pormenor para aquelas que serão as casas mais antigas. Desta vez, o nosso olhar centra-se nas casas quinhentistas, que se diferenciam das outras pelas suas características arquitetónicas que marcaram

uma época, com elementos decorativos no exterior, fruto do bom gosto de então. Este é também o momento para descobrir neste mesmo centro histórico as casas dos cristãos novos, ou seja, dos judeus convertidos à fé católica.

Edifícios distinguem-se pela decoração que envolve as portas e as janelas

Casas quinhentistas embelezam centro histórico da vila de Monção

O centro histórico da vila de Monção guarda um conjunto de casas quinhentistas de grande valor arquitetónico, que não passa despercebido a quem por ali passa, devido às suas características tão particulares.

Ao contrário do que acontece em Caminha, em Vila do Conde e em Valença, em que estas casas estão concentradas numa rua, em Monção elas estão dispersas no centro histórico que se desenvolve à volta da igreja matriz.

Estas casas distinguem-se das outras pela beleza que ostentam, com decoração nas suas janelas, portas chanfradas e, algumas com padieiras também decoradas.

É interessante notar o hábito que havia nesta época quinhentista de chanfrar as ombreiras da porta de entrada, ou seja, cortar as quinas das pedras em granito. Tal como ainda hoje se conta, acreditava-se que o diabo se escondia atrás das portas. Desta forma, ao sair para a rua, o dono da casa nunca seria surpreendido pelo demónio que, sem esquina nas ombreiras, não tinha como se esconder. Os historiadores estão convictos que estas casas foram erguidas no século XVI por uma burguesia em ascensão e que marcaram uma época. Não menos importante é o facto dos investigadores sublinharem que seguem a linha filiada na casa urbana do Porto.

Estas casas edificadas na centúria de 500 são, em termos de tipologia, moradias de rés do chão e primeiro andar, com telhado de duas águas. São casas que se distinguem «pela boa cantaria lavrada de janelas e portas», afirma Paulo Torres Bento, autor do livro “Ruas de Caminha – Toponímia e História da Vila da Foz do Minho”.

O investigador sustenta que estas habitações podem ter sofrido algumas alterações ao longo dos anos, mas nós acreditamos que os seus elementos mais preciosos, como as decorações que apresentam, sempre se mantiveram.

Burguesia em ascensão

Estas casas surgiram num momento de crescimento económico ligadas a uma burguesia em ascensão. E tal como acon-



Casa quinhentista na rua Direita com brasão da família Sotomaior

tece em Caminha, Vila do Conde e Valença estas casas em Monção foram construídas nas ruas de maior movimentação e, por isso, nos eixos mais propícios aos bons negócios. Maria Alfreda Cruz, no artigo publicado na Caminiana n.º 15, intitulado “Caminha – Evolução e Estrutura da Vila da Foz do Minho», afirma que estas casas quinhentistas que encontramos nestes concelhos de Caminha, Valença e Vila do

Conde, apresentam uma planta uniforme, com algumas variantes. Mas onde o espaço dedicado ao comércio é muito forte.

Segundo sustenta esta investigadora, «a habitação situa-se no andar no andar sobre a loja, que comunica com a rua pela porta principal».

Assim, e resumindo, o rés do chão destas casas seria dedicado à função comercial, e o primeiro andar à habitação. Nes-

tas casas havia ainda uma zona traseira para cultivo e guarda da alfaias agrícolas.

Estas casas quinhentistas marcaram um momento da evolução urbana, nomeadamente, em Monção. E a sua beleza de influência manuelina ou tardo-gótica, expressa nas portas de entrada e nas janelas, chegaram até aos nossos dias, cabendo-nos a destreza de as encontrar neste centro histórico monçanense.



Casa quinhentista na rua Sá da Bandeira, antiga rua do Castelo



Cartela com data de 1697 que deverá ter sido o ano de ampliação

Estudo dá conta de um conjunto de habitações

Casas de cristãos-novos identificadas no casco urbano de Monção

No casco urbano mais antigo da vila de Monção é possível encontrar casas que pertenceram aos denominados cristãos-novos, ou seja, judeus que se converteram ao cristianismo no século XVI.

Na verdade, estas casas coincidem com as casas quinhentistas que destacámos no início deste suplemento, apresentando as mesmas características, mas com um pormenor diferenciador, ou seja, a inscrição de cruzes na padieira das portas ou a introdução de nichos na fachada para colocação de imagens religiosas cristãs, para mostrar a quem por ali passava que se tratava de casa de gente convertida.

Emilio Fonseca Moretón começa por explicar no seu trabalho intitulado “Viviendas de judíos y conversos en Galicia y el Norte de Portugal”, inserido no Anuário Brigantino 2004, n.º 27, que uma característica distinta que nos pode dizer que estamos perante uma casa de um cristão-novo, isto é, um antigo judeu, ou de descendentes de famílias judaicas, é a existência de cruzes gravadas na fachada das casas. Normalmente, salienta o investigador, estas cruzes estão localizadas na padieira da porta de entrada, «muchas veces grabadas exactamente en el lugar en el que debería un judío colocar la mezuzá». «Cuando nos encontramos ante una casa de los siglos XIV, XV, XVI e incluso posteriores con estas características, muy probablemente estemos ante una vivienda de conversos o de familias de cristianos nuevos», acrescenta. O investigador afirma que esta “cruz de convertido” era a proclamação para o exterior da fé cristã daquele que ali habitava. «De alguna manera la cruz grabada en la fachada está diciendo: si, aquí vive un antiguo judío o un descendiente de antiguos judíos pero eso era antes, ahora somos unos devotos cristianos», salienta. Emilio Fonseca Moretón sustenta ainda que é frequente ver-se padieiras com mais do que uma cruz gravada e, no seu entender, isso representaria uma cruz por cada convertido a habitar aquela casa.

Casas de convertidos em Monção

Neste seu trabalho, o autor publica um subtítulo totalmente dedicado a Monção,



Cruzes gravadas na casa de cristãos-novos

o que pode indicar a importância desta vila no que diz respeito a este assunto. E neste subtítulo, Emilio Fonseca Moretón diz-nos em concreto que casas encontrou que terão sido de cristãos-novos. «En la zona medieval se encuentra, situada en la rua dos Nerys, una casa del siglo XV decorada con motivos manuelinos que tiene dos puertas y al lado izquierdo de la de entrada grabada en la fachada una

“cruz de converso”», afirma. Outra casa elencada pelo investigador, está situada na rua da Glória. Nesta habitação, explica, não encontramos uma cruz de convertido, mas um outro sinal que queria mostrar que aqui morava o antigo judeu. «Tiene además un pequeño santo sobre una peana, que se alumbra mediante una lamparilla que se eleva desde el nivel de la calle mediante una cadenilla que corre por una

roldana», salienta. Por fim, o investigador dá conta que, na rua Sá da Bandeira são várias as casas com cruzes gravadas. Uma delas é seguramente dos finais do século XV e tem o lintel decorado.

«Un poco más adelante al fondo de la calle que termina en unas escaleras está la más significativa que es una vivienda», sublinha o autor neste seu trabalho sobre casas de convertidos.



Imagem de S. Francisco em peanha exterior



Casa de cristão-novo na rua Sá da Bandeira

Defende historiador galego e reitera arqueóloga da Câmara de Monção

É preciso estudar a temática judaica na fronteira do rio Minho

O historiador Suso Vila, que tem dedicado grande parte do seu estudo e dos seus trabalhos académicos à presença de judeus na Península Ibérica e, em particular, na Galiza e em Tui, afirma que falta estudar esta temática na fronteira do rio Minho.

A verdade é que, do lado galego, há vários trabalhos, muitos dos quais da autoria de Suso Vila, que nos dão conta da ação e do legado dos cristãos-novos naquele território. Do lado português, os estudos não são assim tantos, havendo, contudo a certeza que aqui, nesta fronteira do rio Minho, residiu uma comunidade importante de cristãos-novos.

O investigador acredita que Arquivo Nacional da Torre do Tombo deverá ter muitos documentos referentes a este assunto à espera da atenção dos historiadores. Não podemos esquecer que, em Portugal, já existe uma rede de Judiarias, com um olhar muito particular nas zonas da Beira Interior, do Porto, Lisboa, Alentejo e Bragança. Curiosamente, em relação ao Minho não há qualquer município a integrar esta rede. Por isso, sustenta, esta fronteira galega com Portugal ainda não está bem estudada. «Chaves e Bragança são grandes referências. Mas, do lado galego ainda não foi estudado. Aqui no Minho, falta estudar os casos de Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira, Caminha. É preciso fazer uma análise da relação de um lado com o outro. E principalmente sobre as famílias minhotas importantes responsáveis por um fluxo económico e social muito importante para esta zona», disse.

Para este historiador, se este trabalho for realizado, isto permitirá, muito provavelmente, uma nova leitura da história».

Preferência por zonas de fronteira

Suzo Vila lembra que em 1492 os judeus espanhóis fogem de Espanha e entram em Portugal, gerando uma comunidade judaica que é convertida à força em 1497.

Uma grande parte destes cristãos-novos, salienta o investigador, espalha-se pelo país e, quando pode, procura deslocar-se e residir nas zonas de fronteira, on-



Rua onde está a maior parte das casas de cristãos-novos



Cruz de convertido



Nicho exterior de casa de cristão-novo

de, no caso concreto do rio Minho, era mais fácil, não só dedicar-se ao comércio, usufruir pela proximidade do porto de Baiona, que era o mais importante da Galiza nesta altura, como também fugir perante

a ameaça da Santa Inquisição para o resto da Europa ou para o Brasil. A arqueóloga da Câmara de Monção também partilha da opinião que é necessário estudar a presença deste cristãos-novos neste território.

Para Odete Barra, não é apenas necessário estudar, «como tentar descobrir documentação que nos ajude a entender o que é que era ser judeu aqui em Monção. Como viviam e onde», salienta.